



3 e 4 de dezembro

III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,
Gênero e Sexualidade

CORPOS E CONTROLE: GÊNERO E RELIGIÃO A PARTIR DE O CONTO DA AIA

Camila de Lourdes das Neves Silva Silvestre

RESUMO

Este trabalho analisa o romance *O conto da aia*, de Margaret Atwood, articulado ao pensamento de Michel Foucault, para compreender como a sociedade distópica de Gilead constrói e controla corpos femininos por meio da religião, da vigilância e do biopoder. A partir de uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica, o estudo toma a narrativa como fonte central para problematizar as relações entre gênero, poder e uso político do sagrado. São examinados elementos como a figura da Aia, a Cerimônia, o sistema de castas e vestimentas, a proibição da leitura e o clima permanente de medo e delação. A análise evidencia que a crítica da obra não recai sobre a fé em si, mas sobre a instrumentalização da religião como dispositivo de poder voltado à legitimação da violência e da desigualdade de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Religião. Biopoder.

INTRODUÇÃO

Publicado originalmente em 1985, o romance *O conto da aia*, de Margaret Atwood, narra a vida de Offred, uma mulher que vive na teocracia totalitária e ultraconservadora de Gilead, uma monoteocracia situada em um contexto de final do século XX. Nessa sociedade ficcional, o regime organiza-se como uma teocracia patriarcal que se estrutura sobre o controle absoluto da vida, dos corpos e dos discursos, sobretudo das mulheres.

Nesse regime, a fertilidade feminina é convertida em recurso estatal, e a religião, reinterpretada de modo literalista e seletivo, é instrumentalizada para legitimar práticas de dominação e violência. A figura da Aia sintetiza essa lógica: ela é reduzida à função reprodutiva, vigiada permanentemente e moldada por um discurso sagrado que transforma coerção em “obediência espiritual”.

Este trabalho tem por objetivo analisar, à luz da obra de Atwood e do pensamento de Michel Foucault, como Gilead constrói corpos e hierarquias de gênero a partir da manipulação

de textos bíblicos, da vigilância e do biopoder, evidenciando a religião não como experiência de fé, mas como dispositivo político de controle.

METODOLOGIA

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, baseada em revisão bibliográfica. A obra *O conto da aia* constitui a fonte principal de análise, compreendida aqui como narrativa literária que permite problematizar relações entre religião, gênero e poder em uma sociedade distópica. Segundo Minayo, Deslandes e Gomes (1994, p. 15) abordagem qualitativa, ao exigir uma revisão crítica, ampla e reflexiva, é vista como o método apropriado para a fase bibliográfica, pois permite a reconstrução teoricamente significativa que pauta a investigação.

A leitura é realizada de modo interpretativo, focalizando episódios e elementos simbólicos que revelam o funcionamento do regime de Gilead, tais como: a Cerimônia (ritual sexual institucionalizado), a doutrinação promovida pelas Tias, a organização das castas femininas (Esposas, Marthas, Tias e Aias) e o sistema de vestimentas codificadas por cores.

Neste sentido, em diálogo com o texto literário, mobiliza-se o referencial foucaultiano sobre poder, disciplina, biopoder, vigilância e controle dos corpos. A análise não busca “aplicar” mecanicamente conceitos teóricos à ficção, mas utilizar o pensamento de Foucault como lente interpretativa para compreender como Gilead exemplifica formas modernas de exercício do poder que atravessam o corpo, a sexualidade e o campo religioso. Assim, a revisão bibliográfica articula o romance de Atwood e a teoria foucaultiana para produzir uma leitura crítico-analítica da sociedade de Gilead.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da sociedade de Gilead revela um regime totalizante em que o poder não se limita à repressão explícita, mas se infiltra no cotidiano, nas práticas, nos rituais e nas formas de subjetivação. Em consonância com Foucault, percebe-se um deslocamento do poder soberano para o biopoder. Segundo Muniz (2017, p. 27), “enquanto o poder do soberano faz morrer e deixa viver, o biopoder faz viver e deixa morrer”. As Aias, enquanto mulheres férteis, são transformadas em “matriz biológica do Estado”: sua corporeidade é administrada, monitorada e utilizada como recurso biopolítico para enfrentar a crise de fertilidade.

Em relação as interpretações religiosas, Gilead não apenas cita a Bíblia, mas seleciona e fixa uma interpretação única, apagando leituras alternativas e suprimindo dimensões de misericórdia, justiça e compaixão presentes na tradição religiosa. Esse monopólio da

interpretação sagrada concentra o poder de definir o que é “vontade de Deus”, transformando a religião em tecnologia de governo. As Tias, ao ensinar versículos descontextualizados para humilhar e domesticar as Aias, funcionam como agentes disciplinares que disseminam um discurso que naturaliza a submissão e moraliza a obediência.

Durante a cerimônia (Atwood, 2017, p. 114), ritual sexual obrigatório que tinha como objetivo a procriação, evidencia a fusão entre religião, direito e disciplina. Trata-se de um estupro institucional apresentado como ato de devoção, em que o corpo da Aia é atravessado por múltiplos registros de poder: biológico (reprodução), jurídico (norma), religioso (sacralização) e moral (culpa e resignação). A ritualização do ato sexual impede que ele seja reconhecido como violência, convertendo-o em dever espiritual.

Neste sentido, o que Foucault destaca como “docilização” dos corpos aparece no romance na forma de mulheres que, sob intensa pressão simbólica e física, são treinadas para consentir com sua própria exploração. Segundo o autor, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (Foucault, 2012, p. 132).

A estrutura de castas femininas (Esposas, Marthas, Tias e Aias) pode ser lida como uma estratégia de dividir para governar. Embora todas estejam subordinadas ao patriarcado teológico, são hierarquizadas e colocadas em competição moral e simbólica. As cores dos trajés funcionam como marcas visíveis de classificação e controle: o vermelho das Aias associa fertilidade e pecado; o azul das Esposas remete à pureza; o verde das Marthas indica serviço doméstico. Esse sistema cromático é um dispositivo disciplinar que permite identificar, vigiar e regular comportamentos imediatamente, reduzindo singularidades à função social e moral de cada grupo.

Outro aspecto central, em diálogo direto com Foucault, é o controle do saber. Em Gilead, a leitura é proibida às mulheres; a palavra escrita é considerada perigosa nas mãos das Aias. Ao restringir o acesso ao texto bíblico e aos demais escritos, o regime impede que elas produzam interpretações próprias ou questionem a doutrina. O saber teológico e jurídico é monopolizado por homens, o que reforça a relação saber–poder. Se, para Foucault, quem detém o discurso controla o campo do possível, em Gilead o silenciamento feminino garante a manutenção de um único horizonte de sentido: aquele que legitima a dominação masculina.

Além disso, a vigilância também cumpre papel fundamental. A presença constante dos Olhos, a possibilidade de delação, os enforcamentos públicos e a exposição de corpos punidos constroem uma ambiência de medo e autocensura. A própria Aia passa a controlar seus gestos, palavras e pensamentos, internalizando o olhar do poder. Esse movimento remete ao modelo

panóptico descrito por Foucault: não é necessário vigiar o tempo todo, basta que o sujeito se sinta permanentemente observável para que se discipline. Assim, em Gilead, o poder circula por micropráticas: nos corredores, nas aulas das Tias, nas orações coletivas, na imposição do silêncio e do recato.

Importante destacar que a crítica presente na obra não se dirige à religião enquanto experiência espiritual, mas ao uso político e misógino do sagrado. Atwood evidencia como um regime autoritário pode instrumentalizar textos religiosos e eliminar a pluralidade de interpretações para sustentar um patriarcado teológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *O conto da aia* articulada ao pensamento de Michel Foucault permite compreender Gilead como uma ficção que explicita, de forma radical, como o poder pode investir nos corpos, na sexualidade e na produção de subjetividades. A análise evidenciou que a teocracia patriarcal construída por Atwood opera por meio do biopoder, administrando a fertilidade feminina como recurso estatal, e por estratégias disciplinares que fabricam corpos dóceis e obedientes. A figura da Aia sintetiza esse processo: sua existência é reduzida à função reprodutiva, regulada por rituais religiosos, por normas jurídicas e por práticas de vigilância que atravessam a vida cotidiana.

Verificou-se, ainda, que a religião, em Gilead, não é apresentada como experiência de fé ou de transcendência, mas como discurso apropriado pelo Estado para legitimar a desigualdade de gênero e a violência institucional. A interpretação bíblica é estreitada a uma leitura única e autoritária, monopolizada por homens, o que se aproxima do que Foucault descreve como controle do saber e produção de “regimes de verdade”. A proibição da leitura para as mulheres, a doutrinação conduzida pelas Tias, o sistema de vestimentas e castas femininas e o clima permanente de vigilância e delação ilustram como o poder circula em micropráticas que naturalizam a dominação e dificultam a resistência.

Ao destacar essas dinâmicas, o estudo contribui para refletir criticamente sobre os riscos presentes quando discursos religiosos são instrumentalizados em projetos políticos que buscam regular corpos, sexualidades e papéis de gênero. A distopia de Atwood, lida à luz de Foucault, não se limita a uma crítica ficcional de um futuro imaginário, mas dialoga com debates contemporâneos, nos quais interpretações fundamentalistas ainda são mobilizadas para restringir direitos e justificar hierarquias.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento a prisão; tradução de Raquel Ramallete. 40ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUNIZ, C. O nascimento da biopolítica. **Polymatheia** – Revista de Filosofia, Fortaleza, v. 10, n. 16, p. 26-37, jan./jun. 2017.

SIQUEIRA, V. **Os corpos doces** - Michel Foucault. Disponível em: <<https://colunastortas.com.br/corpos-doceis/>>. Acesso em: 14 nov. 2025.